



**“A gente não é igual ao que a gente era em março de 2020”**: a atuação em psicologia escolar e educacional no Instituto Federal de Alagoas na pandemia de COVID-19

**“We are not the same as we were in March 2020”**: school and educational psychology at the Federal Institute of Alagoas in the COVID-19 pandemic

**“Nous ne sommes plus les mêmes qu’en mars 2020”** : le travail en psychologie scolaire et pédagogique à l’Institut Fédéral d’Alagoas pendant la pandémie de COVID-19

**Millena Ferreira Torres de Araújo<sup>1</sup>**

**Vanessa Tenorio Cavalcante<sup>2</sup>**

**Antonio César de Holanda Santos<sup>3</sup>**

## Resumo

Esse artigo é um relato de pesquisa que objetivou conhecer as perspectivas de atuação profissional da Psicologia Escolar, abordando as vivências durante a pandemia de COVID-19, especificamente no Instituto Federal de Alagoas (IFAL). O estudo foi embasado na Psicologia Histórico-Cultural proposta por Vygotsky, realizado com 8 profissionais da Psicologia da Assistência Estudantil dos diversos *campi* do IFAL, e sua abordagem metodológica foi a pesquisa qualitativa, a qual, através da entrevista semiestruturada, possibilitou o ponto de vista das/os participantes, que foram analisados através da análise de conteúdo. Pôde-se compreender os contextos em que as/os psicólogas/os estavam inseridas/os. A atuação de cada uma/um apresenta semelhanças e distinções entre elas/es durante o ensino remoto. Compreendeu-se que as atividades realizadas durante o ensino remoto estiveram baseadas na Política de Assistência Estudantil do IFAL, com adaptações. Sempre existiram desafios na prática das/os psicólogas/os entrevistadas/os. Porém, a pandemia exigiu uma reinvenção da atuação e elas/es atuaram conforme suas condições pessoais e profissionais. Pôde-se observar também que as demandas foram agravadas em quantidade e em intensidade, requisitando ainda mais as/os

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus Arapiraca, na Unidade Educacional de Palmeira dos Índios. E-mail: millena.torres@outlook.com

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus Arapiraca, na Unidade Educacional de Palmeira dos Índios. E-mail: psivanessatenorio@gmail.com

<sup>3</sup> Docente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no Curso de Psicologia, Campus Arapiraca, na Unidade Educacional de Palmeira dos Índios; e docente do Programa de Pós-Graduação (PPGP) em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail: cesarholanda@gmail.com



psicólogas/os, exigindo um olhar atento à saúde delas/es. Além disso, foi compreendido que o trabalho em equipe na Assistência Estudantil e no Grupo de Psicologia do IFAL é essencial para a atuação de cada profissional e para a instituição no geral.

**Palavras-chave:** Psicologia escolar; Pandemia de COVID-19; Assistência estudantil; Instituto Federal; Psicologia histórico-cultural.

### **Abstract**

This article is a research report that aimed to understand the perspectives of professional practice in School Psychology, addressing the experiences during the COVID-19 pandemic, specifically at the Federal Institute of Alagoas (IFAL). The study was based on the Historical-Cultural Psychology proposed by Vygotsky, carried out with 8 Psychology professionals from Student Assistance at the various IFAL campuses, and its methodological approach was qualitative research, which, through semi-structured interviews, enabled the participants' point of view to be analyzed using content analysis. It was possible to understand the contexts in which the psychologists were working. The work of each of them shows similarities and distinctions between them during remote teaching. It was understood that the activities carried out during remote teaching were based on IFAL's Student Assistance Policy, with adaptations. There were always challenges in the practice of the psychologists interviewed. However, the pandemic demanded a reinvention of their work, and they acted according to their personal and professional conditions. It was also possible to observe that the demands have increased in quantity and intensity, placing even greater demands on psychologists and requiring them to pay close attention to their health. In addition, it was understood that teamwork in Student Assistance and the IFAL Psychology Group is essential for the work of each professional and for the institution as a whole.

**Keywords:** School psychology; COVID-19 pandemic; Student assistance; Federal Institute; Cultural-historical psychology.

### **Résumé**

Cet article est un rapport de recherche visant à comprendre les perspectives de performance professionnelle en psychologie scolaire, en abordant les expériences vécues pendant la pandémie de COVID-19, en particulier à l'Institut fédéral d'Alagoas (IFAL). L'étude s'est basée sur la psychologie historique et culturelle proposée par Vygotsky, réalisée avec 8 professionnels de la psychologie d'assistance aux étudiants des différents campus de l'IFAL, et son approche méthodologique a été une recherche qualitative qui, à travers des entretiens semi-structurés, a permis de connaître le point de vue du participants, qui ont été analysés grâce à une analyse de contenu. Il a été possible de comprendre les contextes dans lesquels les psychologues étaient insérés. La performance de chacun présente des similitudes et des distinctions entre eux lors de l'enseignement à distance. Il a été entendu que les activités réalisées lors de l'enseignement à distance étaient basées sur la politique d'aide aux étudiants de



l'IFAL, avec des adaptations. Il y a toujours eu des défis dans la pratique des psychologues interrogés. Cependant, la pandémie a nécessité une réinvention de leurs activités et ils ont agi selon leurs conditions personnelles et professionnelles. Il a également été possible de constater que les exigences ont augmenté en quantité et en intensité, imposant des exigences encore plus grandes aux psychologues, exigeant un examen attentif de leur santé. De plus, il a été compris que le travail d'équipe au sein de l'Aide aux étudiants et du Groupe de psychologie de l'IFAL est essentiel pour la performance de chaque professionnel et pour l'institution en général.

**Mots-clés:** Psychologie scolaire ; Pandémie de covid-19; Aide aux étudiants; Institut fédéral ; Psychologie historico-culturelle.

Este artigo discute a atuação das/dos psicólogas/os da Assistência Estudantil (AE) do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) e os impactos causados pela pandemia de COVID-19 (Coronavírus Disease 2019). Especificamente, abordaremos sobre as vivências das(os) profissionais de psicologia no ensino remoto, durante o isolamento social na referida pandemia.

A pandemia de COVID-19, indubitavelmente, refere-se a um dos períodos mais difíceis vividos por toda a humanidade. Essa crise mundial ocorreu através da infecção causada pelo vírus detectado em Wuhan, China, no mês de dezembro de 2019, o qual foi denominado *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-CoV-2), que provoca a *Coronavirus Disease 2019* (COVID-19) (XU et al., 2020).

O mundo foi surpreendido pela imprevisibilidade do contexto pandêmico e uma das áreas que foi bastante afetada pela crise ocasionada por esse vírus foi a educação. As instituições educacionais vivenciaram modificações no funcionamento e no cotidiano, pois, a fim de conter a propagação do vírus, o ensino remoto surgiu como uma resposta ao cenário escolar e educacional da época, cujo principal desafio foi promover um espaço educativo no qual o outro participasse do processo de ensino e aprendizagem.

Segundo a cartilha “Psicologia Escolar em Tempos de Crise Sanitária - Pandemia do COVID-19” (Conselho Regional de Psicologia de Alagoas, 2020), a educação se tornou palco de constantes debates durante esse período emergencial e



a Psicologia se fez presente contribuindo nas decisões e tornando-se fundamental em todos os diálogos e mediações. Porém, a adaptação das/os psicólogas/os escolares ao novo cenário foi repleta de tensionamentos e de desafios, visto que, enquanto sujeitos, esses profissionais também temiam a doença, a morte, e muitas das dificuldades que surgiam estavam fora do controle delas/es, ou seja, lançavam-as/os frente ao inesperado (Pedroza & Maia, 2021).

Apesar desses desafios, as/os psicólogas/os escolares tiveram que se reinventar para continuar atuando a fim de: promover acolhimento e escuta das demandas que surgissem; atentar às implicações emocionais do cenário pandêmico aos sujeitos e à aprendizagem dos mesmos; avaliar e propor soluções aos problemas do cotidiano escolar; dialogar e mediar relações entre família, gestoras/es, estudantes, docentes e outros participantes do contexto escolar (Conselho Regional de Psicologia de Alagoas, 2020).

Atualmente, as instituições escolares já vivenciaram o retorno às atividades presenciais e readaptação após o ensino remoto. Porém, consideramos importante olhar para as consequências e processualidade dessas experiências não somente à educação de modo amplo, mas, como aborda esse estudo, à atuação das/os psicólogas/os escolares.

O intuito de pesquisar sobre as potências e desafios da atuação em Psicologia Escolar e Educacional (PEE) nos *campi* do IFAL, na pandemia de COVID-19, desenvolveu-se a partir da experiência de estágio curricular obrigatório em um dos *campi* do IFAL durante esse período pandêmico. O estágio se deu em formato híbrido, na transição das atividades totalmente remotas para o retorno às atividades presenciais do *campus*. Estivemos diretamente envolvidas nessa volta através de práticas presenciais. Essa experiência, então, suscitou o interesse por conhecer o trabalho desempenhado pelas/os profissionais de Psicologia nos demais *campi* do IFAL e de compreender as estratégias adotadas nesse contexto de adaptação da educação a uma realidade totalmente diferente e desafiadora.

Nossa questão de pesquisa foi: como as potências e desafios da atuação em PEE nos *campi* do IFAL, durante a pandemia de COVID-19, possibilitaram a reinvenção das práticas na atualidade? Assim, nosso objetivo geral foi entender como



a diversidade de práticas da PEE nos diversos *campi* do IFAL, durante a pandemia de COVID-19, afetou as perspectivas de atuação profissional na transição do ensino remoto para o ensino presencial.

Nos Institutos Federais (IFs), as práticas das/os profissionais que atuam especificamente na AE, incluindo as/os psicólogas/os, acontecem por meio de ações e programas que são fundamentais para garantir a permanência e o êxito das/os estudantes (Matioli & Santarosa, 2019). Cada um dos IFs espalhados pelo Brasil possui suas especificidades e, assim, requer singularidades na atuação da/o profissional que lá trabalhe.

No caso do IFAL, a AE de todos os seus *campi* é orientada pela mesma política institucional local desde 2010 (Instituto Federal de Alagoas, 2017). Porém, cada contexto de atuação é específico. Foi possível observar algumas dessas particularidades no cenário anterior à pandemia de COVID-19, durante o ensino remoto e no retorno às aulas presenciais. Neste artigo, nos deteremos às vivências durante o ensino remoto.

Em termos de pressupostos teóricos, nossa pesquisa se desenvolveu baseada na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky que, segundo Gomes et al. (2016), contribuiu com a introdução da compreensão da dialética presente na relação entre ser humano, natureza, relações sociais e cultura no âmbito do pensamento psicológico, objetivando melhor compreensão do ser humano enquanto produto e produtor de história. Entendemos que essa perspectiva, assim como outras perspectivas críticas, se articula com a história produzida no âmbito da pandemia.

A psicologia proposta por Vygotsky é uma perspectiva integral do ser humano, que observa a relação desse com o meio em que está inserido e a transformação que acontece através dessa interação. Para Vygotsky, o sujeito é ativo, histórico e social, e é somente em contato com o mundo que ele aprende e se desenvolve construindo sua subjetividade e a sua consciência. Esse psicólogo apresentou uma psicologia crítica que, ao considerar o ser biológico, evidencia neste ser a historicidade, a cultura e a sociedade. E, por isso, suas contribuições à PEE são atuais e relevantes para a área.



A área da PEE foi interpelada pelo isolamento social imposto pelo novo coronavírus, visto que houve “[...] paralisação das atividades e redefinição de estratégias para oferta do ensino, revendo todos os planejamentos para o ano e intensificando o uso de tecnologias em meio ao ‘caos’ ocasionado por toda essa situação” (Maciel, 2020, p. 6). Segundo Toledo e Pereira (2020), os impactos da pandemia permanecerão por um bom tempo nas questões socioeconômicas, educacionais e de aprendizagem.

Coadunamos com a perspectiva de que a psicologia deve inserir-se no meio escolar e educacional a partir de pressupostos críticos e contextualizados, observando os fatores que afetam a educação e a aprendizagem das/os educandas/os. Diante desse olhar, Marinho-Araújo (2010) aponta que a prática da/o psicóloga/o, nos contextos educativos, deve se ocupar de perceber o sujeito em sua individualidade sem desvinculá-lo das múltiplas realidades históricas e sociais e de suas relações. Souza (2010, p. 144) ressalta que a prática da PEE deve fundamentar-se “[...] no compromisso com a luta por uma escola democrática, de qualidade, que garanta os direitos de cidadania”. Assim, não pode contribuir com estigmatizações e deve auxiliar na construção de um processo educacional que alcance a todas as pessoas.

No contexto de pandemia, a psicologia se fez necessária para, conforme suas atribuições, dar suporte às instituições educativas como um todo. A psicologia foi orientada a participar desde a definição sobre o modo como aconteceria o funcionamento escolar colaborando com a criação das diretrizes desse período até trabalhos com famílias, estudantes e docentes (Conselho Regional de Psicologia de Alagoas, 2020) e até com novas contribuições no retorno às aulas presenciais (Toledo & Pereira, 2020).

A psicologia na escola e em outras instituições educativas contribuiu com esses espaços durante a pandemia, pois oportunizou pensar e dialogar sobre a situação com vistas a encontrar junto às/aos participantes do contexto educacional alternativas mais democráticas de ensino. As/os psicólogas/os escolares também tiveram que modificar suas práticas para que pudessem continuar trabalhando, mesmo sob um formato diferente do habitual (Matioli & Walter, 2021).



Segundo Pedroza & Maia (2021), essas/es profissionais foram convocadas/os, com frequência, a apresentar soluções, visto que a psicologia é considerada ciência e profissão que colabora com o suporte emocional e, na pandemia, uma crise se instalou trazendo consequências emocionais a muitas pessoas. Referente aos espaços educativos, o suporte emocional foi atribuído a ser oferecida às/aos docentes, educandas/os e demais participantes desse contexto desde a suspensão das atividades letivas, durante o ensino remoto emergencial (Pedroza & Maia, 2021).

No entanto, as autoras também ressaltam que as incertezas e os desafios postos a todas as pessoas abrangeram também as/os profissionais da psicologia, tanto como profissionais quanto como sujeitos que temem a doença e suas consequências e que passam por desafios também em suas casas. Outrossim, a atuação dessa/e profissional não se faz de forma isolada, mas dentro de um coletivo de participantes que compõem o contexto educativo (Pedroza & Maia, 2021). Desse modo, não compete à psicologia apresentar soluções prontas aos desafios postos. Ao contrário, a construção dessas soluções ou dos possíveis caminhos de resolução desses desafios deve ser feita de forma conjunta e colaborativa entre todas/os as/os participantes (Pedroza & Maia, 2021).

Assim, foram exigidas mudanças nas formas de proceder para que, mesmo em meio aos desafios, a psicologia continuasse contribuindo e construindo ações potentes no contexto escolar e educacional. A psicologia atuou junto a todas/os as/os participantes do contexto e, relacionada à gestão, as/os psicólogas/os foram instruídas/os sobre o seu importante papel na tomada de decisões e na construção de diretrizes e normas que poderiam orientar o funcionamento escolar (Conselho Regional de Psicologia de Alagoas, 2020).

Cada instituição escolar lidou com adversidades próprias de sua realidade. Por isso, a pandemia e seus efeitos não foram encarados do mesmo modo em todos os âmbitos escolares. O retorno às aulas presenciais também aconteceu distintamente em cada local, pois foram necessárias adaptações ao contexto e à maneira como o processo de ensino-aprendizagem pôde continuar durante a pandemia. Nesse retorno, o qual não foi um retorno “de onde se parou”, a psicologia continua a



contribuir, diante da constante necessidade de implicação com práticas potentes e construtoras de uma educação crítica e emancipatória.

### **Percursos metodológicos**

Nesse estudo, a abordagem metodológica foi a pesquisa qualitativa e, segundo Gaskell (2002), ela tem como finalidade explicitar uma amostra dos pontos de vista dos participantes. Esse tipo de pesquisa “[...] lida com interpretações das realidades sociais [...]” (Bauer, Gaskell & Allum, 2002, p. 23). Conforme Gaskell (2002), a finalidade da pesquisa qualitativa é explorar o espectro de opiniões e as representações distintas sobre o assunto em questão.

A pesquisa em questão foi realizada no Instituto Federal de Alagoas (IFAL), constituído por 16 (dezesseis) *campi* com sede em 15 (quinze) municípios de Alagoas e a reitoria situada na capital Maceió. Inicialmente, estabelecemos o contato através do *e-mail* de cada *campus* do IFAL. Apresentamos a proposta, os parâmetros e os documentos de anuência da pesquisa. Após alguns retornos e também ausência de devolutivas, tivemos no total 13 profissionais contactadas/os por *e-mail*. Nesse processo, pudemos contar com uma/um profissional de Psicologia de um dos *campi* que atuou na mediação junto a outras/os profissionais e que foi convidada/o no intuito de auxiliar na divulgação da pesquisa às/aos outras/os psicólogas/os da instituição.

Diante de algumas respostas de aceite, foi enviado o *link* de um formulário do *Google Forms* em que constava as informações do TCLE para reforçar dados importantes, e foram solicitados alguns dados básicos de cada profissional. Também fizemos contatos via aplicativo *Whatsapp* com algumas/uns profissionais que ainda não haviam dado retorno. Tivemos um total de 8 profissionais que aceitaram participar da pesquisa. Os contatos ocorreram entre novembro de 2022 e maio de 2023.

Para participar da pesquisa, foram estabelecidos os seguintes critérios: ser uma/um profissional graduada/o em Psicologia; trabalhar na AE do IFAL; e ter atuado nesse setor durante o ensino remoto. Os critérios para excluir as/os participantes da pesquisa foram: trabalhar como psicóloga/o no IFAL, mas em outra área que não seja a AE; e não ter atuado na AE do IFAL durante o ensino remoto. E foi necessário para





o avanço da pesquisa que as/os participantes estivessem de acordo em participar da mesma, assinando o TCLE no dia da entrevista.

A entrevista se trata de uma técnica de coleta de dados, a qual permite conhecer outras perspectivas sobre determinado fato, e, assim, ultrapassa as perspectivas das/os entrevistadoras/es (Farr, 1982 citado por Gaskell, 2002). Segundo Gaskell (2002, p. 65), “a entrevista qualitativa (...) fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação”.

As entrevistas foram realizadas individualmente com cada participante da pesquisa e a investigação foi orientada por alguns tópicos ou questões gerais, definindo-se, assim, a entrevista semiestruturada. Nessa estratégia, os tópicos servem somente para guiar a entrevista, pois o intuito é que a/o entrevistada/o fale livremente sobre a questão e tenha tempo para refletir, compreendendo sua realidade e assumindo novas percepções sobre determinado fato (Gaskell, 2002). Todas as entrevistas foram audiogravadas com a permissão das/os participantes.

Da mesma forma em que foi possível a exclusão de perguntas do roteiro, houve a possibilidade de acréscimos de questões relevantes para cada realidade em particular. Portanto, a entrevista semiestruturada assume o compromisso com a transformação social e pretende desencadear nas/os próprias/os participantes da pesquisa a auto-reflexão e a ação emancipatória (Fraser & Gonfim, 2004).

A fim de garantir o sigilo dos dados pessoais, as/os participantes tiveram nomes fictícios escolhidos pelas/os mesmas/os. A faixa etária esteve entre 36 e 65 anos. O gênero de 7 participantes é feminino e de 1 participante é masculino. A raça de todas/os entrevistadas/os é branca. Todas/os têm especialização em alguma área da Psicologia. As/os profissionais trabalham no IFAL a um tempo que corresponde à faixa de 2 anos e meio a 36 anos. A pesquisa foi iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Alagoas – CEP/UFAL (Parecer nº 5,728.267).

As entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas por meio da Análise de Conteúdo (AC), a qual, segundo Bardin (1977, p. 38), constitui-se por “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e



objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...]”. Nesse sentido, o foco da AC situa-se na sistematização do conteúdo das mensagens sejam elas orais ou escritas, a fim de inferir conhecimentos referentes “[...] às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção) [...]” (Bardin, 1977, p. 38). Para essa inferência pode-se recorrer a indicadores quantitativos ou não.

A Análise Temática, realizada como parte da AC, deve considerar a familiarização com os dados que, nesse caso, foram produzidos através das entrevistas, geração de códigos iniciais (no nosso caso, com auxílio de cores), busca, revisão, definição e nomeação dos temas (Souza, 2019). Seguinte a esse processo, partimos para a terceira fase da análise de conteúdo. Nessa etapa, o tratamento dos resultados é a descrição das principais características do texto ou conteúdo verbal enumeradas. Desse modo, são construídas categorias que agrupam os temas de acordo com os sentidos neles apresentados. Com as categorias elaboradas, a inferência serve como passagem entre a descrição e a interpretação, sendo, assim, um procedimento intermediário explícito e controlado de uma a outra. A interpretação, por fim, é o processo de dar significado às características enumeradas na etapa de descrição (Bardin, 1977). Nessa pesquisa, a interpretação foi realizada com base nos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural.

### **Resultados: as vivências na atuação profissional durante o ensino remoto**

Quando a psicóloga Socorro expressou, durante uma das entrevistas, que “a gente não é igual ao que a gente era em março de 2020”<sup>1</sup>, ela evidenciou diretamente sobre como as/os profissionais foram afetadas/os pela pandemia de COVID-19, sendo um importante expoente das experiências e mudanças envolvidas nesse período. Evidenciaremos aqui a análise e discussão dos resultados obtidos através das elaborações construídas em entrevistas como essa de Socorro

As categorias elaboradas correspondem aos objetivos da pesquisa, percorrendo um tempo cronológico relativo às práticas desde antes da pandemia, durante o ensino remoto, no retorno às aulas presenciais e no futuro da atuação. As categorias foram construídas considerando também as questões do roteiro de



entrevistas, e foram divididas em 4, a saber: vivências antes da pandemia; vivências durante o ensino remoto, mudanças após o ensino remoto e perspectivas futuras. Neste artigo, trataremos especificamente das vivências das/os profissionais de psicologia escolar e educacional do IFAL durante o ensino remoto. Nessa categoria, os temas foram: atividades realizadas, principais desafios, principais demandas, o trabalho em equipe na Assistência Estudantil, e o Grupo de Psicologia do IFAL.

Ao tematizarmos sobre as atividades realizadas, evidenciamos sobre como as escolas precisaram se reinventar durante a pandemia. A atuação foi adaptada ao contexto virtual em função do distanciamento social necessário. Enquanto as instituições não funcionaram presencialmente, as/os psicólogas/os escolares também viveram adaptações na sua forma de atuação

Mesmo com as dificuldades impostas pelo cenário pandêmico, a perspectiva da maioria das/os entrevistadas/os se alinha com a de Cristiane, a qual menciona: “Eu achei que nós fizemos, sinceramente, sem falsa modéstia, nós fizemos tudo que a gente podia. Poderia ter feito melhor em outras condições? Sim. Nessas condições que a gente tinha a gente fez, a gente tirou leite de pedra [...] eu acho que a gente se reinventou, né?”. A necessidade de se reinventar e fazer tudo o que era possível diante das dificuldades enfrentadas faz parte do reposicionamento das/os profissionais que atuam na educação.

Segundo Souza (2022), esse reposicionamento das/os psicólogas/os requisitou um novo olhar para os sujeitos, estando comprometidas/os com as novas demandas. A mesma autora indicou que “[...] o psicólogo “mergulhe” nas dinâmicas escolares e encontre pontos de abertura que lhe possibilitem refletir sobre possibilidades de ação, resistindo e agindo no enfrentamento das circunstâncias que atravessam as vidas das pessoas que frequentam a instituição escolar” (Souza, 2022, p.3).

Essa necessidade de adaptação para atender as/os estudantes também possibilitou que as/os psicólogas/os adaptassem sua atuação através do Programa Aprendizagem e Psicologia (PAP), do Programa de Intervenção Psicológica (PIP) e do Programa de Orientação Profissional (POP), que são programas institucionalizados



de AE do IFAL. Sobre as atividades realizadas através desses programas durante o ensino remoto, a psicóloga Socorro falou o seguinte:

[...] a gente foi aprendendo fazendo. A gente foi fazendo na lata, na lata. [...] A gente trabalha em três frentes: intervenção psicológica, o acompanhamento de atendimento e temos o programa de orientação profissional. É o PAP, PIP e o POP. Então, [...] remotamente, o que é o PIP? São os meus atendimentos que eu agendo. O que é o PAP? são os conteúdos que eu consigo que mando para eles. Então, são os livros em PDF, são os os vídeos, os áudio *books* em PDF, são os conteúdos do *Instagram* @psicologiaifal, são os conteúdos da *internet* que eu pesquiso muito. [...]. E tem alunos que diz “[...] eu tenho dificuldade, eu não sei o que que eu vou fazer do vestibular, do ENEM” que era que acontecia na presencialidade que eu aplicava teste que eu tinha. Já que eu não posso, então eu consegui um conteúdo, [...] um teste virtual que eu não sabia, que eu não acreditava, mas esse é diferente... ele favorece não só uma opção, ele favorece um campo, uma área, ele descobre a potencialidade do aluno, [...] que é um material [...] usado [...] pro POP para orientação profissional.

Desse modo, as atividades realizadas pelas/os psicólogas/os durante a pandemia continuaram acontecendo através dos programas institucionalizados. Conforme consta na PAE/IFAL (Instituto Federal de Alagoas, 2017), o PAP, o PIP e o POP auxiliam a Psicologia em sua atuação para que seja realizado um trabalho crítico e contextual, como foi o caso da pandemia. Além das atividades que já foram mencionadas, destacamos a fala da psicóloga Ayala sobre sua atuação:

Tinha os atendimentos [só com os discentes] [...]. Tinha os atendimentos... o resto não era diretamente com eles né. Era com os professores, com os técnicos... Diretamente com eles, era só atendimento. Cheguei a fazer umas *lives* também de *Instagram*, essas coisas... só. Diretamente com eles, só. Aí era reunião, viu minha fia. Reunião, reunião, reunião, reunião (risos). Porque, na verdade, o pessoal do ensino praticamente que criou outro currículo num estalar de dedos, outro *modus operandi*, outro jeito de dar aula, enfim... construíram uma nova escola completamente virtual da noite pra o dia. [...].



Então, era muita reunião com os pais, com os professores, com a pedagogia, com a assistência... o resto da assistência né. Muita reunião. Foi o que eu mais fiz foi reunião. Mais até do que atendimento. Foi muita reunião mesmo. Porque todo mundo se debatendo com essa dificuldade, então meio que a gente tava assim ajudando todo mundo a “Calma, a gente vai conseguir” (risos). Foi puxado mesmo.<sup>2</sup>

A realidade da pandemia e do ensino remoto gerou novas atividades por parte das/os psicólogas/os, como afirmou Ayala. Nesse sentido, ao compartilhar sobre suas experiências com a Psicologia Escolar e Educacional (PEE) durante a pandemia, Souza (2021) enfatiza que as mudanças impactaram a saúde mental das/os estudantes, das/os professores, das/os responsáveis, de modo que a/o profissional da Psicologia contribuiu na construção de novas formas para atravessar a situação da época. Por exemplo, dentro das possibilidades existentes, Ayala nos diz que conseguiu atuar usando as mídias sociais e com as ferramentas do trabalho remoto, pelas quais atendeu não somente estudantes, mas também professoras/es e técnicos.

Ou seja, mesmo com as dificuldades, a psicologia no IFAL não esteve parada durante a pandemia. A fala de Maria nos confirma que “[...] a psicologia não parou, porque a gente continuou fazendo atendimento, só que de forma online, os eventos também... A gente tentou adaptar os eventos que a gente já fazia, rodas de conversa e palestra e tal pra o virtual”. A pandemia demandou da Psicologia a continuidade dos atendimentos. A população precisava ser acolhida e medidas foram tomadas para que o trabalho dessas/es profissionais não fosse paralisado. Sobre isso, Schmidt et al. (2020) comentam sobre a Resolução CFP nº 4/2020, que possibilitou às/aos psicólogas/os a realização do “Cadastro e-Psi” e permitiu que essas/es profissionais prestassem serviços através das tecnologias da informação.

Porém, as duas falas que iremos apresentar agora relatam a experiência de Alberto Campos, que se distinguiu das demais profissionais mencionadas. Sobre a sua atuação durante o ensino remoto, a/o psicólogo diz: “[...] eu me senti bastante inseguro. Eu queria fazer só o feijão com arroz mesmo para não fazer besteira, já que



era uma coisa muito desafiante para mim” e, em outro momento, também mencionou o seguinte:

(...) Eu sou meio que das cavernas em relação à tecnologia. Então, o formato terminou sendo concentrado basicamente nele. Reuniões eram pelo tal do *Meet* que na época começou a surgir, foi se formando os *e-mails* institucionais para que os alunos tivessem uma questão ligada à própria instituição que não fosse *e-mail* particular. [...] Então, para essas questões emergenciais, a gente não tinha nem matéria no currículo que se aproximasse desse tipo de crise, né? Então, foi uma coisa bem improvisada mesmo sabe, o desafio. E daí, eu peguei as minhas ferramentas mesmo. Na época, eu tinha um pouquinho mais de proximidade com a leitura de Terapia Cognitivo-Comportamental e, dentro da TCC, existe a psicoeducação que é um formato de você orientar a nível informacional mesmo algumas questões. [...] Então assim, quando os alunos me procuravam pelo *e-mail* institucional ou algum tipo de encaminhamento de algum outro profissional, aí eu geralmente perguntava o que é que estava acontecendo, o que tava preocupando... E, pelos sinais do que eles revelavam, aí eu ia para os manuais e meio que orientava eles no sentido de psicoeducação mesmo e de informar o que é que poderia ser feito, qual profissional poderia ser procurado... E, pra além disso, poucos telefonemas também, né?

Como percebemos nessa fala, as novidades trazidas pela pandemia também geraram inseguranças para realizar as atividades. Assim como Alberto Campos, outras/os profissionais viveram de forma mais intensa os desafios trazidos pela COVID-19 na área profissional. Como exemplo disso, Pedroza & Maia (2021, p. 101) falam sobre as angústias vivenciadas por psicólogas escolares, participantes de um grupo de escuta, as quais viam-se limitadas às ferramentas que substituíram o contato presencial, o que “[...] gerava insegurança e medo. O sentimento de impotência também foi manifestado diversas vezes”.

Algumas entrevistas trataram do tema sobre os principais desafios da atuação das/os psicólogas/os durante o ensino remoto. Foi possível construir uma correlação



entre os períodos de tempo, visando atentarmos para os sentidos e condições específicas de cada período e de cada realidade. Vimos que uma dessas consequências da pandemia foi a adaptação ao virtual, diante das restrições de contato físico para minimizar a propagação do vírus SARS-CoV-2.

O psicólogo Alberto Campos ressalta que:

[...] Foi mais a questão técnica de assim... Na verdade, é porque eu nem tenho muito interesse em me aprofundar no computador, em *Instagram*, rede social, essas coisas... Eu acho que foi mais a parte técnica de instrumental, da parte de informática... Acho que foi o maior desafio.

A adaptação ao trabalho de forma remota não foi fácil, principalmente, para quem não possuía conhecimento técnico das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). Segundo Pereira et al. (2021, p. 185), durante a pandemia, essas/es profissionais modificaram suas práticas através do trabalho remoto e “[...] passaram a constituir um novo modo de conectar-se aos alunos e manter o processo educacional ativo”.

Porém, a “[...] apropriação das TDIC não ocorre de maneira uniforme; há erros, acertos, descobertas e convencionalização de recursos simbólicos e, assim, é criada a prática cultural” (Beraldo & Maciel, 2016, p. 214). Desse modo, há todo um processo de aprendizagem na utilização desses recursos. Entretanto, a pandemia acelerou a velocidade em que tudo ocorreu, exigindo das/os psicólogas/os uma adaptação brusca do seu fazer.

A reinvenção da prática da Psicologia abrangeu vários fatores, pois não foi meramente a transposição do espaço presencial para o remoto. Para além disso, a construção das relações foi modificada, bem como o estabelecimento da confiança e do vínculo no processo dos atendimentos. Destacamos, assim, a fala da psicóloga Stella, a qual relata a questão do sigilo nas chamadas de voz como um desafio na sua prática.

Foi muito desafiador, muito desafiador mesmo, porque tem a questão do meu sigilo, mas você não tem controle sobre o sigilo da outra pessoa e por mais que eu falasse “Olha, você tem que ter muito cuidado, porque o que a gente está



realizando aqui é um contato profissional”... Então assim, o atendimento *online* tem dessas coisas. Porque eu preferia a chamada de vídeo, até porque era só ali e pronto, né. Mas ocorreram alguns atendimentos assim, infelizmente (psicóloga Stella).

Perante essa colocação, ressaltamos o “(...) dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional” (Conselho Federal de Psicologia, 2005, p. 13). Uma revisão integrativa da literatura realizada por Cruz & Labiak (2021, p. 212) relata que, apesar de não se encontrarem documentos que aprofundem a discussão sobre o papel da/o cliente na preservação do sigilo, os desafios dos atendimentos *online* “[...] perpassam pela esfera dos aspectos éticos no trabalho do profissional de Psicologia, e como envolver os clientes a cuidar e a proteger os dados produzidos na interação on-line”. Por isso, a cautela e a responsabilidade no resguardo do sigilo aumentam quando se trata de atendimentos nesse formato.

Outrossim, abordando, ainda, o estabelecimento da confiança e a formação do vínculo nos atendimentos remotos, a psicóloga Ayala relatou “a falta do corpo” como uma limitação/desafio ao seu trabalho, devido ao contato ser estabelecido por vídeo ou somente por voz. Nesse último caso, se impunha mais dificuldades à prática. Ela afirma:

A falta do corpo. Mesmo no pensamento de Psicologia Clínica, fez falta. Eu achava que tinha uma limitação. Poucos ligavam as câmeras, ainda tinha isso, né? Então, às vezes, nem o rosto eu tinha. Interessante, né? Eu nunca tinha me dado conta, sabe? Mas como a leitura do corpo era importante. Nunca tinha pensado nisso, mas, naquele momento, eu percebi. Não tinha como ver o estado geral da pessoa, eu tinha que acreditar no que ela estava dizendo simplesmente. Eu achei isso muito difícil.

Essa fala nos remete ao fato de que os signos e os instrumentos abordados por Vygotsky são elementos que mediam a relação entre o ser humano e a cultura





(Martins & Rabatini, 2011). No trabalho remoto, as tecnologias são mediadoras dessa relação com o mundo, porém é válido salientar que “a mudança para interações remotas mediadas por TDIC não seria uma simples troca de mediadores culturais, mas afetaria profundamente as relações intersubjetivas, a atividade educacional e a percepção da realidade por parte dos protagonistas” (Melo & Bezerra, 2022, p. 25). Nesse sentido, cada atividade que passou a ser realizada de forma remota não se iguala a mesma atividade que seria realizada presencialmente, pois a construção das relações se modificou e as condições eram muito diferentes do tempo pré-pandemia.

Uma dessas modificações foi o aumento da demanda da população pela procura do serviço psicológico, diante da intensificação das questões que envolvem a saúde mental. A maioria das/os entrevistadas/os relatou que a procura aumentou significativamente, tanto em quantidade como em intensidade, conforme evidenciado na fala seguinte:

O aumento da demanda... gigantesca. [...] Eu pegando o relatório do ano anterior ou dos anos anteriores da quantidade de atendimentos... no período da pandemia, foi triplicado. Então assim, foi uma quantidade assim assustadora, tanto da demanda de procura como da necessidade... da seriedade da situação de alguns casos. Então assim, o trabalho triplicou. E a ausência de profissionais suficientes para dar conta. Então, isso foi o maior desafio... foi a falta de profissional e a demanda que triplicou (psicóloga Rebeca).

Essa fala corrobora com o pensamento de que “as incertezas, medo do desconhecido, medo da morte, mudanças nas rotinas diárias, informações inadequadas, perdas de pessoas queridas e dificuldades financeiras [...]” (Taylor, 2019; Brooks, 2020 citado por Oliveira et al., 2021, p. 348) são alguns aspectos que podem estar relacionados ao desenvolvimento e agravamento dos sofrimentos psicológicos.

Além disso, Brooks et al. (2020, citado por Oliveira et al., 2021, p. 348) aborda que as medidas restritivas tomadas para conter a propagação do vírus são também fatores de risco à saúde mental, pois a quarentena gerou “efeitos psicológicos



negativos, especialmente humor rebaixado, aumento dos níveis de ansiedade, estresse e irritabilidade, além de medo e insônia”. Além disso, outro ponto comentado na fala da psicóloga Rebeca, trata sobre a falta de profissionais que é um desafio encontrado desde antes da pandemia.

Considerando esses fatores, houve também um crescimento da sobrecarga de trabalho às/aos psicólogas/os atuantes, elevação da quantidade de mensagens nas redes sociais e, em muitos casos, o desrespeito aos horários de trabalho da/o profissional. Isso constitui-se mais um desafio à prática das/os psicólogas/os, como revela a psicóloga Maria:

Acho que para mim, o *WhatsApp* foi a pior coisa da pandemia. Eu sinto que até hoje eu não tô com a cabeça boa para *WhatsApp* não. [...] Não para. É muita mensagem, muito... Já recebi muita mensagem de madrugada, final de semana, feriado.

Essa realidade tornou-se muito comum na pandemia. O relato da psicóloga Maria é reafirmado por Pedroza & Maia (2021, p. 102) quando essas autoras, através da realização de um grupo de escuta e análise das práticas profissionais com psicólogas escolares durante a pandemia, discutem que elas “[...] têm recebido solicitações de apoio, que excedem não apenas em quantidade, mas também ao horário de trabalho. Muitas contaram sobre ligações e mensagens de aplicativo recebidas tarde da noite ou no final de semana”. Esses aspectos foram desafiadores à atuação, mas também foram causadores de cansaço e adoecimento às/aos profissionais, fatores esses que impossibilitaram suprir expectativas e perspectivas de sobrecarga atribuídas a elas/es no exercício da profissão.

No que toca ao tema das principais demandas, o levantamento de informações refletiu as consequências de um período emergencial e de isolamento. De início, destacamos a fala da psicóloga Socorro sobre o cenário vivenciado durante a pandemia, ao responder que “as coisas também foram muito mais rápido, as coisas aceleraram e aí a gente percebe que a demanda também aumentou. Porque, se antes



os meninos já eram ansiosos, agora eles estavam muito mais ansiosos pelo confinamento”.

A principal diferença entre as vivências durante o ensino remoto com relação às vivências antes da pandemia, se refere ao aumento e intensidade das demandas, principalmente dos casos de ansiedade, e que foram pontos em comum nas entrevistas realizadas. Sobre isso, Almeida et al. (2021), ao tratar de estudos envolvendo os impactos do isolamento social nas/os adolescentes, afirmam que problemas psicológicos como ansiedade, tristeza, depressão e culpa, são consequências do período de confinamento ocasionado pela pandemia de COVID-19, fato que se articula com o aumento das demandas mencionado por Socorro.

Além disso, as psicólogas Maria e Ayala trouxeram questões referentes à adaptação ao ensino remoto, o medo da contaminação, da morte, as vivências de luto e as relações familiares após o confinamento. Maria mencionou como principais demandas “essa questão do ensino remoto, da adaptação ou não adaptação no ensino remoto, a questão do próprio Coronavírus, o medo de adoecer, o medo de morrer, perder...”.

De fato, o ensino remoto foi um desafio para todas/os as/os envolvidas/os no contexto escolar. Entretanto, também foi uma alternativa diante do contexto pandêmico da época. Sobre essa modalidade de ensino, Fettermann & Tamariz (2021) concluem que, apesar da internet e dos computadores serem importantes para a aprendizagem virtual, as/os estudantes, as/os professoras/es e a família são consideradas como peças-chaves para experiências bem-sucedidas.

Acerca do medo de contaminação e da morte como uma demanda durante o período de ensino remoto, Gadagnoto et al. (2022) destacaram que o cenário pandêmico e a preocupação com a saúde das/os familiares gerou uma sobrecarga emocional, além da vigente demanda de enfrentar o luto e o medo da morte. Essas demandas foram mencionadas em mais de uma entrevista e foram consequências diretas de uma realidade de medo e insegurança que assolou o mundo.

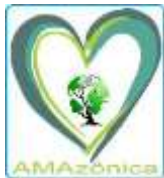
Arelado a isso, a demanda de luto esteve presente, conforme explicitou a psicóloga Ayala: “tinha uma demanda grande de lutos, pessoas que morreram, relacionamentos que acabaram, de amizade inclusive, da escola inclusive [...]. Então,



lutos de diversas formas, não só das pessoas mortas, mas dos sonhos mortos, das relações em coma. Muitos lutos”. Sobre esse assunto, Lopes et al. (2021) tratam sobre a complexidade do luto, visto que envolve diversos aspectos e experiências singulares. As autoras apontam que, de fato, “a pandemia trouxe mudanças na forma como os sujeitos e a coletividade experienciam o morrer [...], o momento convoca a repensar conceitos e (re)criar compreensões acerca da morte na sociedade contemporânea e do luto diante de tantas mudanças” (Lopes et al., 2021, p. 9). Então, o setor de Psicologia no IFAL precisou acolher essa demanda e avaliar as melhores formas de lidar com essas vivências.

Vale também tratar sobre o convívio familiar, mencionado por Ayala, ao identificar “um pouco a dificuldade de estar em casa [...]. [As/os estudantes] traziam a dificuldade de estar convivendo com a família o tempo inteiro, sem parar, isso aparecia. As relações já difíceis, né? E ansiedade. Pronto, acho que as maiores demandas eram essas aí”. O confinamento ocasionou outras percepções sobre o convívio familiar. Em um estudo realizado por Santos et al. (2022), abordou sobre os significados de família no contexto de pandemia para as/os adolescentes. As/os adolescentes participantes da pesquisa “[...] demonstraram em suas produções tanto sentimentos advindos de ambientes suficientemente bons vinculados a relações familiares integradoras, quanto sentimentos oriundos de ambientes insuficientemente bons associados à relações familiares desintegradoras” (Santos et al., 2022, p. 201). Ou seja, apesar da experiência de convívio familiar ter sido boa para algumas pessoas, devemos considerar a compreensão da psicóloga Ayala sobre a dificuldade de estudantes conviverem com a família durante o isolamento social.

O trabalho em equipe na Assistência Estudantil foi outra tematização do estudo. A equipe da AE, durante a pandemia, também passou por remodelações na sua atuação, pois a época exigiu que a equipe se reconfigurasse perante as demandas e a novas formas da educação. A maioria das/os psicólogas/os informou que a articulação entre a equipe continuou, sempre visando ajudar as/os discentes e colaborar com as/os participantes do contexto escolar que solicitassem contribuições dessa equipe. Identificamos formas diferentes de articulação, fazendo-nos observar a singularidade de cada equipe e de seu modo de atuação.



A psicóloga Cristiane, socializou que a distância física das salas da equipe era um fator que inviabilizava a troca constante com as/os profissionais da AE no ensino presencial. Porém, a mesma relata que no ensino remoto houve a aproximação da equipe, pois o virtual possibilitou um encurtamento da distância, e a equipe funcionou integrada perante as demandas. Ela relatou:

[...] Me facilitou construir o sentimento de unidade da equipe. Porque a gente criou essa equipe multidisciplinar. E eu me senti muito protegida no sentido de poder contar com eles. [...]. A mobilização que era e que aqui a gente não vê, porque aqui se eu tiver com estudante que tá muito mal e ele vem para mim, eu vou carregar ele, eu vou resolver as coisas. Muitas vezes, vou contar com [a coordenação], né? Mas a equipe não se envolve até por essa distância geográfica. (psicóloga Cristiane).

Percebemos que a atuação remota propiciou à psicóloga sentir mais integração da equipe devido à facilidade com que a comunicação ocorreu. Conforme Almeida & Costa (2020, p. 121), “[...] a tecnologia se tornou uma aliada, sendo uma importante ferramenta de aproximação e fortalecimento da relação pessoal”.

É válido salientarmos que continuou-se pensando na melhor forma de ajudar as/os discentes e, na medida possível de cada realidade, a articulação ocorreu. A psicóloga Rebeca enfatiza isso ao comentar: “Então assim, foi um trabalho... Era difícil ter essa junção, mas a gente tinha reuniões que juntava todo mundo e um ajudando o outro. Passando um caso pra o outro pra poder conseguir mais ou menos dar um suporte naquele início”.

Identificamos que houve dificuldades na articulação remota. Porém, mesmo com limitações, a integração aconteceu. Caso a relação entre as/os profissionais da AE não ocorresse de forma satisfatória, isso poderia produzir “[...] retrabalhos, dificuldades de comunicação e acompanhamentos, sobrecargas de trabalho e inviabilidade de construir soluções adequadas [...]” (Prediger, 2019, p. 115-116). Sendo assim, o fluxo de atividades da instituição e o trabalho de cada profissional poderiam ficar comprometidos, bem como o olhar sobre a/o discente.



Um outro tema constituído na categoria sobre vivências das/os profissionais durante o ensino remoto, foi sobre o Grupo de Psicologia do IFAL, que foi desenvolvido e estruturado entre as/os profissionais antes da pandemia. Esse coletivo significou um local onde essas/es profissionais juntas/os puderam compartilhar experiências, dificuldades e possibilidades de atuação diante do contexto pandêmico, e, como exemplo da articulação e representação do grupo, destacamos a fala de Cristiane sobre as interações e atuações grupais, a saber:

Eu acho que o trabalho da Psicologia foi excelente. O *Instagram* da Psicologia, que foi [...] que tocou. Mas eu achei também assim... fenomenal. Os textos construídos em grupo, no grupo do *WhatsApp* mesmo [...]. Eu acho que foi assim... formidável no sentido de promoção de saúde. Porque o nosso foco é a promoção de saúde dentro da escola. Formidável! Os nossos encontros foram muito bons, eu acho que a gente se ajudou muito.

Compreendemos que, mesmo fisicamente distantes, as colaborações coletivas aconteceram e trouxeram avanços para a PEE como um todo e para os contextos específicos dos trabalhos de cada profissional. Além disso, podemos mencionar o ponto de vista da psicóloga Maria que, mesmo diante das articulações entre si, compreende que “houve uma dispersão do grupo durante a pandemia. Eu acho que a gente ainda se dispersou... E talvez pela sobrecarga.” Mesmo com esse desafio, Maria mencionou os aspectos positivos e as possibilidades do trabalho grupal durante o ensino remoto. A partir das ferramentas tecnológicas, foi possível desenvolver projetos, fazer publicações, pesquisas, como mencionou Maria. Como exemplo, o Grupo de Psicologia do IFAL produziu um *E-book* chamado “Psicologia e pandemia: um guia prático de como lidar com a quarentena” (Costa et al., 2020), contendo orientações a todas/os as/os estudantes, servidoras/es e as/os familiares que faziam parte da comunidade escolar do IFAL.

E um tema relevante para a compreensão da atuação das/os psicólogas/os durante o ensino remoto foi a conciliação entre trabalho e vida pessoal, visto que a prática destas/es profissionais ocorreram enquanto estavam em casa, e isso causou o entrelaçamento entre esses âmbitos.



As psicólogas Cristiane e Ingrid relatam, respectivamente: “[...] Porque a gente teve na pandemia a junção do privado e do trabalho e no início foi difícil de lidar com isso, foi aquela mistura. Era eu fazendo uma live aqui, uma... uma coisa assim, e [...] [alguém] passando [...]. Então, isso foi sendo aprendido tanto em casa quanto na relação com os colegas”;

Eu me vestia como se eu fosse vir trabalhar, porque, se eu não tivesse essa rotina, ia ficar misturando as coisas. Porque quem tá em casa, às vezes, pensava que a gente não tava trabalhando. [...] Se eu não fizesse assim, eu não conseguia trabalhar. E se a gente não... como que eu posso dizer... porque às vezes tinha pessoas que vinham falar com a gente dia de domingo, dia de sábado, de madrugada, de noite [...]. E a gente não podia. Era no nosso horário. A não ser coisas extras em casos de ideação suicida, tentativa de suicídio.

Através desses relatos, observamos que essa junção entre privado e público foi um fator muito presente na atuação durante o ensino remoto, visto que impôs dificuldades na colocação de limites tanto na relação com os sujeitos que moravam na mesma casa como na relação com as/os colegas de trabalho e pessoas que procuravam atendimento. Mاتيoli & Walter (2021, p. 742), em consonância com as falas das psicólogas, afirmam:

Entre outros aspectos da vida, a privacidade dos agentes educacionais também foi afetada. E não somente pela possibilidade de se receber uma mensagem de texto a qualquer hora do dia ou da noite, mas porque a própria casa se tornou o pano de fundo das aulas on-line, gravadas, em sua maioria, em escritórios adaptados: salas, cozinhas, quartos, jardins e sacadas.

Nesse sentido, a casa se tornou o ambiente de trabalho e cada profissional se adaptou da forma que era possível e que coube a sua realidade. As esferas pública e privada se atravessaram e, além disso, a demanda de trabalho para psicólogas/os escolares aumentou, sendo necessária a realização de várias reuniões *online* por dia. A psicóloga Rebeca comenta sobre isso em sua fala:



Era fazendo três coisas ao mesmo tempo. [...] Então, tinha meia hora entre uma reunião e outra, porque a reunião da manhã atrasou e a reunião da tarde eu começo 1 hora da tarde. Eu tinha que engolir comida rápido. Então, em vez de comer uma coisa mais saudável, ia fazer um miojo, que era o que dava tempo de fazer. Então, era fazer várias coisas ao mesmo tempo. [...]. Acho que ter que fazer várias coisas ao mesmo tempo que foi pior.

A partir disso, percebemos que a sobrecarga de trabalho no período remoto causou a negligência da própria saúde das/os profissionais, Pedroza & Maia (2021, p. 102) discutem que a necessidade de rápida adaptação e aprendizagem sobre a utilização dos recursos digitais, bem como a grande quantidade de “[...] reuniões de discussão e alinhamento das ações têm tido como consequência aumento das horas trabalhadas, inúmeros relatos de cansaço e o adoecimento de vários profissionais [...]”.

Nessa discussão, é necessário refletir se essas/es profissionais estiveram sendo cuidadas/os, se possuíam rede de apoio e se a saúde delas/es esteve sendo negligenciada à custa do trabalho e do cuidado com outras pessoas. Essa reflexão perpassa também a imposição dos próprios limites emocionais e psicológicos diante da pandemia e das modificações da vida causadas por ela. Sobre isso, o psicólogo Alberto Campos reflete:

[...] Mas, assim, foi bem confuso, né? Porque eu queria passar a imagem de que eu não tava sendo afetado por aquilo ali, enquanto eu percebia que no íntimo eu não tava bem, eu não tava confortável, eu tava muito amedrontado, né. [...] Então, de alguma forma, eu me sentia útil, né? Por estar ajudando pelo menos a nível de informação, né? Até porque era o que era possível naquele momento, né? Porque a vontade de ajudar era grande, mas eu mesmo tava precisando também da ajuda, né? Eu também tava precisando de cuidado, né? Tava me cuidando na medida do possível.

Dessa forma, fica evidente que, em meio a um período tão diferente que foi o da pandemia, a atuação da PEE continuou de acordo com as possibilidades e





condições que cada profissional tinha. O trabalho e a vida pessoal se entrelaçaram e a demanda aumentou, se fazendo necessário, cada vez mais, desconstruir a ideia de que a PEE atua sozinha e construir o pensamento, em todas/os as/os participantes do contexto escolar, de que a Psicologia faz parte de um coletivo e de que não cabe a ela apresentar respostas prontas (Pedroza & Maia, 2021). Pelo contrário, as possibilidades de atuação devem ser refletidas colaborativamente e deve-se assegurar o bem-estar de todas as pessoas que atuam nesse contexto, inclusive de psicólogas/os (*Ibid.*)

### **Considerações finais**

O presente artigo corresponde a uma pesquisa que, através de estudos teóricos e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, identificou potenciais e desafios da atuação das/os psicólogas/os escolares na pandemia de COVID-19; compreendendo as principais mudanças nas práticas das/os psicólogas/os após o ensino remoto; como também tratou das possíveis perspectivas de atuação profissional das/os psicólogas/os após as experiências vivenciadas durante o ensino remoto.

Pudemos perceber que a atuação das/os profissionais de Psicologia do IFAL apresenta semelhanças e distinções nos variados contextos de cada *campus*. Notamos também que as/os psicólogas/os sempre enfrentaram desafios em sua prática profissional, mas, durante e após a pandemia, a atuação se tornou mais desafiadora, exigindo uma reinvenção dessas/es profissionais perante as novas possibilidades de atuação, demandas e desafios.

Compreendemos que essa reinvenção não foi da mesma maneira para todas/os e que cada uma/um construiu um modo de atuar particular à sua realidade. As possibilidades de atuação criadas estiveram sempre baseadas na Política de Assistência Estudantil (PAE) do IFAL (Instituto Federal de Alagoas, 2017) e os desafios e demandas se modificaram constantemente, tanto pelos efeitos da pandemia de COVID-19, quanto pelas medidas de biossegurança para conter a propagação do vírus.



Antes da pandemia, não se imaginava atravessar tamanha modificação da prática e, por isso, observamos que as/os psicólogas/os foram “aprendendo fazendo”, como a psicóloga Socorro citou em uma das entrevistas. Além disso, as adaptações necessárias ocorreram dentro das condições pessoais e profissionais que cada psicóloga/o tinha naquele momento.

Na atuação anterior ao tempo pandêmico, durante o ensino remoto e no retorno às aulas presenciais, foram identificadas experiências que ampliaram o nosso entendimento sobre a prática dessas/es profissionais e, com isso, pudemos perceber que, apesar de existirem algumas semelhanças entre os períodos, condições específicas demarcam as diferenças entre eles, como o fato de os desafios e demandas terem se intensificado e passarem a estar mais correlacionados com um contexto mais amplo que foi o da pandemia, e com suas consequências que perduram até os dias atuais. Além disso, as maneiras de atuar antes da pandemia foram remodeladas e a tecnologia foi uma das principais aliadas no que se refere à continuidade da prática da PEE. Então, a tecnologia passou a participar de forma mais presente da prática dessas/es profissionais, mesmo no retorno às aulas presenciais.

Sobre o retorno às aulas presenciais, que também foi socializado nas entrevistas, identificamos que, em alguns casos, houve a construção de uma Psicologia mais crítica em relação ao período anterior à pandemia e, por isso, o trabalho com grupos se faz mais presente. Nesse sentido, os trabalhos coletivos nos *campi* são bastante pertinentes e essas ideias de atividades podem surgir através da articulação com o Grupo de Psicologia do IFAL, o qual é meio de fortalecimento, construção coletiva e espaço de troca de experiências.

Compreendemos que é urgente falar também da saúde mental das/os próprias/os psicólogas/os, visto que estão com tarefas do trabalho excessivas, mas também requerem cuidados. Além disso, quando abordamos as “vivências durante o ensino remoto”, quanto a conciliação entre trabalho e vida pessoal, percebemos que os âmbitos se entrelaçaram causando dificuldades na imposição de limites para pessoas que moravam na mesma casa, para colegas de trabalho e para estudantes que procuravam o serviço. Esse fator gerou também preocupações acerca da



qualidade de vida dessas/es profissionais, devido a situações em que tiveram que negligenciar a própria saúde em prol do trabalho.

No âmbito das perspectivas das/os psicólogas/os entrevistadas/os, vimos sobre os aprendizados decorrentes dessa experiência de pandemia que podem servir para a atuação. Observamos, então, que os aprendizados foram variados, com foco na compreensão de que o atendimento *online* funciona e de que o trabalho integrado é importante, bem como são fundamentais as ferramentas digitais, o corredor da escola e o cuidado de si mesmas/os.

Dessa forma, a pesquisa relatada nesse artigo possibilitou a compreensão acerca da prática da PEE na AE do IFAL durante a pandemia de COVID-19. Além disso, também é importante para estimular produções futuras sobre a atuação da PEE em Alagoas, sobre a PEE nos Institutos Federais (IFs) e sobre as afetações da pandemia à vida e profissão de psicólogas/os escolares.

Embora não tenhamos conseguido entrevistar todas/os as/os psicólogas/os escolares da AE do IFAL, a oportunidade de estar presencialmente com as/os psicólogas/os participantes e escutá-las/os foi bastante significativa para nós e, não só nos afetou enquanto pesquisadoras, mas também pessoalmente e como futuras profissionais. Cada experiência comentada pelas/os entrevistadas/os nos fez observar melhor a PEE através da prática e perceber também a importância da teoria para a atuação.

## Referências

Almeida, Daniel Manzoni de; Costa, Helena Lott. (2020). A biologia no cotidiano: cozinhando e aprendendo no isolamento social da pandemia Covid-19. IN Lamim-Guedes, Valdir (Org.). *A educação na Covid-19: a voz docente*. São Paulo: Na Raiz. p. 118-129.

Almeida, Isabelle Lina de Laia et al. (2021) Isolamento social e seu impacto no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 40. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2022/40/2020385>

Bardin, Laurence. (1977) *Análise de conteúdo*. Edições 70.



- Bauer; Martin W.; Gaskell, George; Allum, Nicholas C. (2002) Qualidade, Quantidade e Interesses do Conhecimento: evitando confusões. IN Bauer, Martin W.; Gaskell, George (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2. ed. Vozes, p. 17-36.
- Beraldo, Rossana Mary Fugarra; Maciel, Diva Albuquerque. (2016) Competências do professor no uso das TDIC e de ambientes virtuais. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 20, p. 209-218. <https://doi.org/10.1590/2175-353920150202952>
- Conselho Federal de Psicologia. (2005) *Resolução CFP Nº 010/05 - Código de Ética Profissional do Psicólogo*. CFP.
- Conselho Regional de Psicologia de Alagoas. (2020) *Cartilha Psicologia Escolar em tempos de crise sanitária - pandemia do COVID-19*. CRP- AL.
- Costa, Ana Maria Leal et al. (Org). (2020) *Psicologia e pandemia: um guia prático de como lidar com a quarentena*. Ifal.
- Cruz, Roberto Moraes; Labiak, Fernanda Pereira. (2021) Implicações éticas na psicoterapia on-line em tempos de Covid-19. *Rev. Psicol. Saúde*, v. 13, n. 3, p. 203-216, set. 2021. <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i3.1576>
- Fettermann, Joyce; Tamariz, Annabell Dell Real. (2022) Ensino remoto e ressignificação de práticas e papéis na educação. *Texto Livre*, v. 14, p. e24941, <https://doi.org/10.35699/1983-3652.2021.24941>
- Fraser, Márcia Tourinho Dantas; Gondim, Sônia Maria Guedes. (2004) Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia* 14 (28). p. 139 -152. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>
- Gadagnoto, Thaianne Cristine et al. (2022) Repercussões emocionais da pandemia da Covid-19 em adolescentes: desafios à saúde pública. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 56, p. e20210424, p. 1-9, <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2021-0424>.
- Gaskell, George. (2002) Entrevistas individuais e grupais. IN Bauer, Martin W.; Gaskell, George (editores). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Vozes, p. 64-89.
- Gomes, Isadora Dias et al. (2016) O social e o cultural na perspectiva histórico-cultural: tendências conceituais contemporâneas. *Psicologia em Revista*, v. 22, n. 3, dez. 2016, p. 814-831, <https://doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N3P814>



Instituto Federal de Alagoas. (2017) *Política de Assistência Estudantil*. Ifal.

Lopes, Fernanda Gomes et al. (2021) A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de Covid-19. *Psicologia USP*, v. 32, p. e210112, p. 1-13, <https://doi.org/10.1590/0103-6564e210112>

Maciel, Cristiano. (2020) Prefácio. In: Lamim-Guedes, Valdir (Org.). *A educação na Covid-19: a voz docente*. Editora Na Raiz, p. 05-09.

Marinho-Araújo, Claisy Maria. (2010) Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção. *Em Aberto*. v. 23, n. 83, p. 17-35. <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.23i83.%25p>

Martins, Lígia Márcia; Rabatini, Vanessa Gertrudes. (2011) A concepção de cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar. *Revista Psicologia Política*, v. 11, n. 22, p. 345-358, dez. 2011.

Matioli, Aline Spaciari; Santarosa, Rafaela Batista. (2019) As equipes multidisciplinares dos institutos federais: contribuições da Psicologia para o enfrentamento do fracasso escolar. IN Negreiros, Fauston; Souza, Marilene Proença Rebelo de. (Org.). *Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior*. EDUFPI, v. 10, p. 58-72.

Matioli, Aline Spaciari; Walter, Bruno Eduardo Procopiuk. (2021) Pandemia, Saúde Mental e Educação: inquietações, reflexões e práticas. IN Negreiros, Fauston; Ferreira, Breno de Oliveira (Orgs.). *Onde está a psicologia no meio da pandemia?* Pimenta Cultural, p. 730-752.

Melo, Sylvana Cláudia de Figueiredo; Bezerra, Henrique Jorge Simões Bezerra. (2022) A reinvenção da escola em tempos pandêmicos à luz da psicologia escolar. IN Bezerra, Henrique Jorge Simões; Correia, Mônica de Fátima Batista (Orgs.). *Psicologia na Escola em Tempos de Pandemia: práticas e reflexões*. Fi, p. 17-49.

Oliveira, Christiane Maria Ribeiro de et al. (2021) Projeto de extensão “Em conexão: tecendo e cultivando redes de cuidado de si e do coletivo” e suas contribuições à saúde mental em tempos de pandemia pela Covid-19. IN Negreiros, Fauston; Ferreira, Breno de Oliveira (Orgs.). *Onde está a psicologia no meio da pandemia?* Pimenta Cultural, p. 347-370.

Pedroza, Regina Lucia Sucupira; Maia, Camila Moura Fé. (2021) Atuação de psicólogas escolares em contexto de pandemia: análise de práticas profissionais. IN Negreiros, Fauston; Ferreira, Breno de Oliveira (Orgs.). *Onde está a psicologia no meio da pandemia?* Pimenta Cultural, p. 91-117.



- Pereira, Cristiana Galeno da Costa et al. (2021) Reinventando-se: recortes sobre a atuação dos serviços de psicologia escolar educacional do IFPI frente a pandemia da Covid-19. IN Negreiros, Fauston; Ferreira, Breno de Oliveira (Orgs.). *Onde está a psicologia no meio da pandemia?* Pimenta Cultural, p. 172-199.
- Prediger, Juliana. O apoio matricial e a composição de um plano do comum em uma equipe multiprofissional do IFRS. IN Negreiros, Fauston; Souza, Marilene Proença Rebello de. (Org.). *Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior*. EDUFPI, v. 10, p. 108-119.
- Santos, Kedma Augusto Martiniano et al. (2022) Quais os significados sobre família em situação de pandemia para os adolescentes? *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, p. 193-203, <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.08222021>
- Schmidt, Beatriz et al. (2020) Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia*, v. 37, p. 1-13. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>
- Souza, Carolina Apolinário de. (2021) Notas sobre o fazer de uma psicóloga escolar na pandemia. *Estilos da Clínica*, v. 26, n. 1, p. 17-28, <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i1p17-28>
- Souza, Luciana Karine de. (2019) Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 71, n. 2, p. 51-67, <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>
- Souza, Marilene Proença Rebello de. (2010) Psicologia Escolar e políticas públicas em Educação: desafios contemporâneos. *Em aberto*, v. 23, n. 83, p.129-149, <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.23i83.2255>
- Souza, Vera Lúcia Trevisan de. (2022) Psicologia Escolar e a COVID-19. *Estudos de Psicologia*, v. 39, p. 1-4, <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e220103e>
- Souza, Viviane Oliveira Lopes de. (2018) Perspectiva psicossocial do cotidiano escolar: uma experiência de trabalho da assistência estudantil do IFFluminense. IN Negreiros, Fauston; Souza, Marilene Proença Rebello de. (Org.). *Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior*. EDUFPI, v. 10, p. 167-180.
- Toledo, Rodrigo; Pereira, Rodnei. (2020) Análise sobre o retorno às aulas presenciais no contexto da pandemia da COVID-19: caminhos para uma atuação crítica em psicologia escolar. IN Lamim-Guedes, Valdir (Org.). *A educação na Covid-19: a voz docente*. Na Raiz, p. 65-76.



Xu, Zhe et al. (2020) Achados patológicos do COVID-19 associado à síndrome do desconforto respiratório agudo. *The Lancet Respiratory Medicine*, [s.l.], v. 8, n. 4, p. 420-422, [https://doi.org/10.1016/S2213-2600\(20\)30076-X](https://doi.org/10.1016/S2213-2600(20)30076-X)

**Recebido: 12.12.2024**

**Aprovado: 20.12.2024**

**Publicado: 01.01.2025**

## **Autores**

### **Millena Ferreira Torres de Araújo**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus Arapiraca, na Unidade Educacional de Palmeira dos Índios. E-mail: [psivanessatenorio@gmail.com](mailto:psivanessatenorio@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5913-9822>  
E-mail: [millena.torres@outlook.com](mailto:millena.torres@outlook.com)

### **Vanessa Tenorio Cavalcante**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus Arapiraca, na Unidade Educacional de Palmeira dos Índios. E-mail: ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4695-5011>

### **Antonio César de Holanda Santos**

Docente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no Curso de Psicologia, Campus Arapiraca, na Unidade Educacional de Palmeira dos Índios; e docente do Programa de Pós-Graduação (PPGP) em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail: [cesarholanda@gmail.com](mailto:cesarholanda@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9516-7035>